

Discente de iniciação à docência: Gabriel Nunes

Pibid-Licenciatura Química

Resumo: O AMOR NO CÉREBRO

O artigo tem um viés bem filosófico, pois tenta ver as mais famosas teorias e testes feitas para desenvolver esse mistério que é o amor. Um dos principais autores citados pela autora do artigo, *O amor no cérebro*, é o filósofo René Descartes, o filósofo francês que fala sobre o amor no livro **As paixões da alma**, na qual a interação entre corpo e alma se fazia através de fluidos chamados espíritos animais. Tendo assim, uma explicação mecanicista sobre o assunto tendo que a alma é responsável pelos sentimentos.

Também é citado Jon Elster (2000) filósofo norueguês , no livro **Strong feelings: emotions, addiction and human behavior**, fazendo uma comparação com as emoções fortes e os efeitos das drogas causadas no corpo humano. No seu livro diz que o tão esperado correspondido amor tem os mesmos efeitos que ingerir anfetamina; aumento de energia, falta de fome e sono, consciência aguçada, já a desilusão ou a traição amorosa tem o mesmo sintomas de um paciente em reabilitação sem o uso da anfetamina como um dos principais e o humor deprimido. Isso ocorre devido ao fato de que as emoções estão ligadas diretamente a neurotransmissores como dopamina e serotonina, às endorfinas, que têm um efeito opióide, e à feniletilamina, cujo efeito é próximo ao da anfetamina.

A neurologista Helen Fisher (2005) fez um série de testes para localizar onde está localizado e como funciona o amor no cérebro, chamado **“Have you just fallen madly in love?”** . Pesquisadora realizou experimentos na *State University of New York, USA*, nos quais ela e sua equipe procuraram determinar a modificação que ocorria nos cérebros dos apaixonados. O experimento partiu de hipóteses já consideradas pelos pesquisadores sobre a química cerebral. Tendo que três substâncias foram consideradas as principais responsáveis pelas sensações experimentadas no amor romântico: dopamina, norepinefrina e serotonina, sendo que a dopamina era a principal responsável por causar o “amor fervoroso” por ter altos níveis da mesma, deixa a visão com um foco em um objeto fazendo que só veja o lado bom das coisas ignorando o resto em sua volta. Ela também é responsável pelo êxtase.

Após aos seus testes foi descoberto que, o núcleo caudato faz parte do sistema de recompensa do cérebro. O núcleo caudato nos ajuda a detectar e perceber uma recompensa. Outro lugar onde foi notada uma grande atividade é a área tegmental ventral a parte central do circuito de recompensa do cérebro.

Graças a neurologista Helen Fisher, como a maior contribuição para o mistério que era o amor, foi ela que caracterizou as três fases do amor, que em cada uma delas é liberado determinados hormônios ou neurotransmissores podendo assim diferenciá-los.

Referências:

Maria Borges; Professora Associada do Departamento de Filosofia da UFSC
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1D, CA FI - Filosofia
Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago.

Referências usada no artigo:

- ◆ DESCARTES, Réne. *Les passions de l'âme*. OEuvres de Descartes (AT, XI).
Ed. Adam/ Tannery. Paris: Vrin, 1964-76.
- ◆ ELSTER, Jon. *Strong feelings: emotion, addiction and human behavior*.
Cambridge: MIT, 2000.
- ◆ FISHER, Helen. *Why we love: the nature and chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt and Company, 2005. (kindle edition).
- ◆ SOUZA, Ronald. *The rationality of emotions*. Cambridge: MIT, 1997.
- ◆ TENNOV, Dorothy. *Love and limerence*. New York: Stein and Day, 1979.
- ◆ Artigo recebido em 28/07/2015, aprovado em 23/08/2015